

Origens do Turismo Organizado no Rio de Janeiro: A Revista Brasileira de Turismo na Década de 1920

Revista Rosa dos Ventos

6(2) 152-163, abr-jun, 2014

© O(s) Autor(es) 2014

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Mestrado em Turismo

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



André Barcelos Damasceno Daibert¹

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi o de analisar a evolução na organização da atividade turística na cidade do Rio de Janeiro, sob a perspectiva política, econômica e cultural. Como objetivo específico, analisou-se a Sociedade Brasileira de Turismo e seu papel nesse contexto, na década de 1920, através dos discursos presentes na Revista Brasileira de Turismo, por ela editados. O estudo foi realizado em duas etapas: pesquisa bibliográfica em fontes secundárias e pesquisa documental em fontes primárias, disponíveis na Biblioteca Nacional. Tendo como base as publicações analisadas, pode-se afirmar que o Turismo na cidade do Rio de Janeiro começou a dar seus primeiros passos como atividade organizada a partir da década de 1920, quando seus principais atores e instituições empreenderam ações relevantes neste sentido.

Palavras-chave: Turismo. História do Turismo. Sociedade Brasileira de Turismo. Revista Brasileira de Turismo. Rio de Janeiro, Brasil.

ABSTRACT

Origins of Organized Tourism in Rio de Janeiro: Readings on the Brazilian Journal of Tourism in the 1920s - The aim of this research was to analyze the evolution in the organization of the touristic activity in the city of Rio de Janeiro, under a political, economic and cultural perspective. As a specific aim it was analyzed the Brazilian Society of Tourism and its role in this context in the 1920s through the discourses present in the

¹ **André Barcelos Damasceno Daibert** – Doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ. Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: abddaibert@yahoo.com.br

Brazilian Journal of Tourism edited by it. The study was conducted in two stages: literature on secondary sources and documentary research on primary sources available in the National Gallery. On the basis of the reviewed publications it can be stated that the tourism in the city of Rio de Janeiro began to take its first steps as an organized activity from the 1920s on, when its main actors and institutions undertook significant actions in this regard.

Keywords: Tourism. Tourism History. Brazilian Society of Tourism. Brazilian Journal of Tourism. Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho realiza estudo preliminar sobre o início da organização da atividade turística na cidade do Rio de Janeiro, através de uma perspectiva histórica. Tal investigação justifica-se pela carência de estudos, pesquisas, reflexões e literatura técnico-científica que busquem desvendar as origens e a evolução das primeiras instituições de Turismo organizado, no Brasil, bem como as relações entre o passado e o presente das iniciativas turísticas no país. Neste sentido tomou-se como objetivo geral uma análise da organização da atividade na cidade do Rio de Janeiro, sob os aspectos político, econômico e cultural, e tendo como objeto a Sociedade Brasileira de Turismo e seu papel no contexto proposto, em especial na década de 1920, através dos discursos presentes na Revista Brasileira de Turismo², por ela editada.

O artigo estrutura-se em três partes. No primeiro momento, realiza-se a contextualização da atividade turística no Brasil e no exterior, enfocando uma discussão conceitual sobre o seu papel na sociedade e na estruturação do território. Em seguida, empreende-se a contextualização histórica, política e econômica da cidade do Rio de Janeiro no período anterior à década de 1920, enfatizando principalmente os problemas urbanos e a necessidade de dinamização das atividades econômicas no local, que já apresentavam uma relativa desaceleração se comparado a outras regiões brasileiras na época. E, finalmente, realiza-se um estudo sobre os atores e instituições responsáveis pelo início do Turismo organizado na cidade do Rio de Janeiro, com destaque à organização denominada Sociedade Brasileira de Turismo. Esta análise se deu a partir dos discursos presentes na Revista Brasileira de Turismo, editada pela mesma organização. A pesquisa foi realizada em duas etapas: levantamento bibliográfico em livros, artigos, dissertações e teses sobre o tema proposto e pesquisa documental, na Biblioteca Nacional, tendo como principal fonte a Revista Brasileira de Turismo.

O CAMPO DISCIPLINAR DO TURISMO NO BRASIL

O Turismo é um fenômeno que tem sido tema e objeto de pesquisas em diferentes campos de conhecimento, como a Economia, Administração, Geografia, Comunicação, assim como nas Ciências Sociais de modo geral. Apesar de sua relevância social e econômica, poucos avanços teóricos ocorreram em termos de sua compreensão histórica. No Brasil, ainda são poucos os estudos que tratam dessa perspectiva, apesar dos alguns trabalhos significativos, como de Guimarães (2012a, 2012b), Camargo (2003, 2007), Gastal (2008), Flores (2005), Rejowski (2002), Aguiar (2006), Pires (2001) e Barbosa (2005), que se apresentam como iniciativas

² Vale lembrar que este periódico não tem ligação com a atual Revista Brasileira de Turismo (RBTur), periódico científico editado a partir de 2007 pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR).

isoladas e pontuais num cenário geral. Apesar da relevante contribuição prestada por Castro (1999, 2002), Castro e Freire-Medeiros (2013), Machado (2005, 2008) e Perrotta (2011), estudos sobre suas origens e evolução na cidade do Rio de Janeiro ainda são raros e se apresentam como exceções, como registrado por Fratucci (2005), a recuperação da “história recente do processo de ocupação e ordenamento do território turístico do estado do Rio de Janeiro ainda deve merecer pesquisas mais aprofundadas que, aliadas às análises multidisciplinares, permitirão um entendimento de como essa atividade turística vem consumindo e transformando esse território” (p.106). Diante deste contexto, a presente investigação pretende, mesmo que de forma preliminar, preencher parte desta lacuna ainda aberta.

Turismo e questão espacial - A categoria ‘Turismo’ é uma importante linha conceitual, cuja evolução histórica, como construção cultural moderna, caracteriza-se por uma heterogeneidade de práticas sociais. No âmbito desta análise, assume-se que o Turismo vai muito além do simples deslocamento. Portanto, um dos principais teóricos utilizados será John Urry, para quem:

O turismo é uma atividade de lazer, que pressupõe seus opostos, isto é, um trabalho regulamentado e organizado. Constitui uma manifestação de como o trabalho e o lazer são organizados, enquanto esferas separadas e regulamentadas da prática social, nas sociedades “modernas”. Com efeito, agir como um turista é uma das características definidoras de ser “moderno” e liga-se a grandes transformações do trabalho remunerado. É algo que passou a ser organizado em determinados lugares e a ocorrer em períodos regularizados (Urry, 2001, p.17).

Com isto, Urry indica o Turismo como uma criação e uma possibilidade do capitalismo moderno. Outros autores também defendem que o Turismo nasceria com o capitalismo, como é o caso de Moesch (2000), quando afirma que “Turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. A cada avanço capitalista, há um avanço do turismo. A partir de 1960, o turismo explodiu como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em um fenômeno econômico, com lugar garantido no mundo financeiro internacional” (p. 9).

É no século XIX, quando o sistema capitalista se expande, que haveria o surgimento do chamado *turismo moderno*. Pela via da historiografia, lemos em Hobsbawm (2000) que “o capitalismo industrial produziu duas novas formas de viagens de prazer: turismo e viagens de verão para a burguesia e pequenas excursões mecanizadas para as massas em alguns países como a Inglaterra” (p. 285). Na mesma linha, Harvey (1989) afirma que, depois de 1945 “a internacionalização da economia no mundo ocidental, assim como a generalização do fordismo como sistema de produção, trouxeram a formação de mercado de consumo global, incrementando uma série de atividades internacionais, dentre elas o sistema bancário e o turismo” (p. 137). O turismo, como forma de lazer, surge como uma nova possibilidade de produção e reprodução do capital. Por tratar-se de um fenômeno produzido a partir do liberalismo, percebe-se que as destinações turísticas passam também a ser entendidas como espaços de consumo, mas não de um consumo qualquer. Segundo Boyer (2003), o Turismo é um tipo de consumo diferente dos demais, “pois se realiza em outro local e não visa a satisfação de um necessidade fundamental do homem: ele não é um dado da Natureza ou do Patrimônio Histórico, pois nenhum lugar é ‘turístico em si’, nenhum sítio ‘merece ser visitado’, como diz a literatura turística; o turismo é um produto da evolução sociocultural [...]” (p.16).

RIO DE JANEIRO: DO SEGUNDO IMPÉRIO À PRIMEIRA REPÚBLICA

Em meados do século XIX, as regiões do Vale do Paraíba fluminense e a Zona da Mata mineira configuravam-se como os principais pólos de produção cafeeira do país. Nesse período, a cidade do Rio de Janeiro caracterizava-se como o mais importante centro urbano de influência dessas regiões, pois ali se encontrava o porto escoador do café e importador de produtos industriais para abastecimento dessas áreas. Isso fez com que a cidade centralizasse uma série de atividades comerciais, tornando-se um grande empório do Brasil. Após a Proclamação da República e o período denominado de República Velha (1889-1930), o estado do Rio de Janeiro³ passou por sucessivas crises políticas e econômicas⁴, principalmente em atividades agrícolas como o café. Ao analisar a conjuntura econômica do interior fluminense no período, Castro (1989) apresenta o cenário onde a “participação da renda oriunda da exportação do café na receita do estado, calculada em 79% do total de 1895, decresceu progressivamente, passando a 28,61% em 1905” (p.140).

Estas crises marcadas principalmente pela diminuição da importância das elites agrárias fluminenses no cenário nacional foram decisivas para a redefinição da dinâmica econômica do Estado. Por consequência, a cidade do Rio de Janeiro também teve sua significação econômica colocada em xeque. Aos poucos, as atividades industriais e a prestação dos mais diversos serviços tomam maior espaço na dinâmica econômica fluminense. Fausto (2008) afirma que “membros da burguesia do café tornaram-se investidores em uma série de atividades” (p.287). Além dos investimentos oriundos dos cafeicultores, outros fatores também ajudaram a desencadear a industrialização, como o capital estrangeiro oriundo de imigrantes. Isso proporcionou um pioneirismo momentâneo da cidade, na industrialização brasileira. A partir dos primeiros anos do século XX, outras regiões brasileiras gradativamente cresceram em importância e dividiram com o Rio de Janeiro a hegemonia econômica. Aos poucos, a supremacia industrial do então Distrito Federal⁵ vai decrescendo e na década de 1920 o cenário se inverte. A tabela seguinte permite visualizar melhor essa transformação:

Tabela 1: Valor da produção industrial brasileira no início do século XX

	1907	1920
Rio de Janeiro (DF)	33,2 %	20,8%
São Paulo	16,6%	31,5%
Rio Grande do Sul	14,9%	11,0%
Total	64,7%	63,3%

Fonte: Fausto (2008, p. 288)

O então Distrito Federal vai aos poucos perdendo sua centralidade econômica. Apesar de ainda permanecer como centro político-administrativo do país, também decresce o seu peso político (Carvalho, 2009).

³Vale lembrar que até o ano de 1975 o atual município do Rio de Janeiro não fazia parte do estado do Rio de Janeiro, por ter sido capital do país até o ano de 1960. Entre os anos de 1960 e 1975, constituiu-se como estado da Guanabara e é apenas a partir do ano de 1975 que os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara se fundem, originando o atual estado do Rio de Janeiro (Motta, 2004).

⁴A obra de Ferreira (1994) intitulada *Em busca da idade de ouro* realiza uma análise aprofundada sobre a conjuntura política e econômica das elites fluminenses durante a República Velha. Ver também: Ferreira (1989, 2000, 2006); Ferreira e Delgado (2006); Lessa (2005); Enders (2008); Carvalho (2009).

⁵ Ver nota 3.

A questão sanitária e os problemas urbanos - Em meados do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro consolidou-se não apenas como sede político-administrativa, mas também como centro comercial do Império. Além disso, a abolição do tráfico negreiro, o aumento da urbanização, o desenvolvimento das vias e dos meios de transporte e a expansão demográfica aliada ao aumento do trabalho livre, proporcionaram à cidade um significativo processo de modernização e dinamização. Com a intensificação da produção cafeeira, que vivia seu apogeu, acompanhada pelas inovações tecnológicas oriundas da Europa (ferrovias, navegação a vapor, etc.), tornou-se necessário melhorar a infraestrutura, visando otimizar a exportação. Esse período, até o fim do século XIX, foi marcado pelo início da modernização da cidade. A construção das ferrovias, o alargamento de ruas próximas à região portuária, a abertura de linhas de bonde, além dos melhoramentos no porto, são alguns exemplos da mudança da sua estrutura urbana. Junto a essa acelerada modernização, apareceram problemas oriundos principalmente do adensamento populacional estimulado pelo aumento do trabalho livre e pela dinamização da prestação de serviços, muitas vezes informais.

Um contingente multiforme e flutuante de livres e libertos, cada vez mais numeroso, trabalhava, residia, e perambulava nos limites dessa mesma área central. Ali prevalecia a mais completa e caótica contigüidade entre o mercado onde a força do trabalho era posta à venda, cotidianamente, e o mercado – formal e ambulante – onde as “diárias” incertas se convertiam em gêneros e elementos indispensáveis a sobrevivência e reprodução dessa heteroclita plebe urbana. As diárias eram consumidas no armazém que fornecia alimentos caros, muitas vezes a crédito, no pagamento de um quarto de cortiço (geralmente nos fundos do mesmo armazém), contíguo à oficina, próximo ao porto, vizinho a um sobrado de comerciante opulento, da moradia de um empregado público ou, quem sabe, de uma viúva que, a duras penas, sobrevivia com a renda proporcionada por um ou dois escravos postos ao ganho (Benchimol, 1990, p. 112)

Tais cortiços, hospedarias e casas de cômodos do centro da cidade que, muitas vezes localizavam-se em ruas estreitas e congestionadas, alojavam a população trabalhadora e também grande parte do contingente de estrangeiros que por ali passavam temporariamente. Muitas dessas habitações eram desprovidas de condições mínimas de higiene, iluminação e circulação de ar. A natureza física do Rio de Janeiro também não era apontada como das mais salubres. Benchimol (1990) sintetiza o pensamento higienista da época sobre a cidade da seguinte maneira:

Situada em zona tropical, numa planície baixa e pantanosa, rodeada pelo mar e pelas montanhas, a cidade reunia, segundo os higienistas, duas características adversas: o calor e a umidade proveniente da evaporação das águas do mar, dos pântanos e das chuvas, que não escoavam devido à pouca declividade do solo. Os pântanos eram particularmente temidos por constituírem focos de exalação de miasmas, os pestíferos gases que veiculavam os agentes causadores das doenças e da morte. Os morros da cidade também eram tematizados como fatores de insalubridade, porque impediam a circulação dos ventos purificadores e porque deles escoavam as águas dos rios e das chuvas, que se imobilizavam na vasta planície sobre a qual se estendia a maior parte construída do Rio, tornando-a pantanosa, úmida e calorenta. Assim, desde muito cedo, os médicos defenderam, além do aterro dos pântanos, o arrasamento dos morros (pp.116-117).

Outros elementos também contribuía para a negativa situação sanitária da capital.

Corpos são enterrados nas igrejas localizadas no centro da cidade; animais mortos são encontrados nas ruas; por todos os lados existiam monturos, cloacas, vasilhas de despejo de urina, currais. [...] Fábricas, hospitais e prisões se igualam na ausência de regras higiênicas e disciplinares [...] as ruas são estreitas e tortuosas, dificultando a renovação do ar e a circulação

dos veículos, além de serem utilizadas como lugares de despejo de lixo. As praias são imundos depósitos de fezes e lixo. As praças são poucas e mal cuidadas, sem árvores, cheias de poças, lama, imundícies, atestando o desconhecimento de que a relação entre uma praça e uma cidade devia ser idêntica à relação do pulmão com o corpo (Guerra, 1852, apud Benchimol, 1990, p. 117).

Esse ambiente adverso, provocado pela densidade populacional, desordenamento urbano e condições sanitárias calamitosas associadas à natureza física da cidade, representaram elementos cruciais para que os higienistas condenassem o Rio de Janeiro como um lugar insalubre. A proliferação de doenças e epidemias foram consequências naturais desta situação.

Desde o tempo dos vice-reis, e mais ainda na primeira metade do século XIX, o Rio de Janeiro foi uma cidade insalubre, assolada por freqüentes epidemias. Mas, ao que tudo indica, a primeira grande epidemia de febre amarela fustigou a cidade, com enorme virulência, no período compreendido entre dezembro de 1849 e setembro de 1850 (Idem, p.113).

A grande epidemia de febre amarela mencionada anteriormente foi o estopim para estado de calamidade que a capital federal já apresentava nos últimos anos, atingisse proporções gigantescas. Os meses de janeiro a março eram os mais críticos, por conta do clima quente e úmido. Nos vinte anos que se seguiram, o Rio de Janeiro foi também assolado por epidemias de cólera-morbo e varíola, além de outras moléstias decorrentes das aglomerações das tropas com destino à guerra no Paraguai (Idem, p.122). É neste tumultuado cenário de crises econômicas, sociais e urbanas que a cidade vivencia a transição da Monarquia para a República, em 1889. Era vital que a capital do país redefinisse seu papel e sua imagem na consolidação deste novo país.

OS PLANOS DE MELHORAMENTOS E O INÍCIO DO TURISMO ORGANIZADO

A partir do contexto descrito no item anterior, uma das alternativas de redefinição proposta pelos primeiros governos republicanos foi a remodelação urbana, através dos chamados 'Planos de Melhoramentos e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro'.⁶ Durante o período denominado República Velha, as intervenções foram mais significativas, destacando principalmente a Reforma Passos (1903-1906), as intervenções urbanas durante a administração Carlos Sampaio (1920-1922) e o Plano Agache do final da década de 1920.

Ao longo da primeira metade do século XX, a cidade passou por uma série de intervenções no seu espaço urbano, transformando e modernizando o Rio de Janeiro, possibilitando a formação do cenário para o surgimento do turismo, tornando a cidade um importante centro turístico da modernidade, cuja beleza a fez merecer o título de Cidade Maravilhosa (Machado, 2005, p. 44).

Vale lembrar que vários outros fatores justificaram a implantação dos chamados 'Planos de Melhoramentos e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro', como a questão da saúde pública e a necessidade de modernização da capital do país.

O apoio de Rodrigues Alves à campanha sanitária de Oswaldo Cruz combina com a modernização urbana, reduzindo a mortalidade por febre amarela a zero em 1907. O sanitarista foi por isso reconhecido internacionalmente, inclusive com uma condecoração na Alemanha, no ano da erradicação. O estigma sobre a cidade começou a ser dissolvido. O Rio estaria assumindo

⁶ Expressão usada por Machado (2005) para definir as sucessivas intervenções urbanas que a cidade do Rio de Janeiro passou desde o século XIX até meados do século XX.

condições de recepção de visitantes internacionais. Ainda em 1907 o navio Byron promoveu uma viagem de turismo para conhecer o Rio (Lessa, 2005, p. 196).

Diferentes perspectivas dos planos de melhoramentos do Distrito Federal no início do século XX foram trabalhadas por autores como Abreu (1987), Benchimol (1990), Lessa (2005), Andreatta (2006) e Enders (2008). O ponto comum tratado por todos é a aproximação entre os planos de melhoramentos e a construção de um cenário para o início da atividade turística organizada na cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, os autores mostram que os planos de melhoramentos contribuíram significativamente para torná-la atrativa aos visitantes. Nesta linha de pensamento, Enders (2008) afirma que as grandes obras do Rio “são coroadas por manifestações de prestígio, que estimulam o turismo na capital. Em 1908, o Brasil celebra com uma exposição nacional o centenário da abertura de seus portos e o fim da época colonial. Em 1922, a exposição é internacional e comemora a independência” (p.215). No início do século XX, a crescente industrialização, o acelerado processo de urbanização, a ascensão da classe burguesa e do trabalho assalariado, foram acompanhados pela difusão e evolução das vias e meios de transportes, configuraram um cenário ideal para que a vilegiatura⁷, antes considerada um privilégio de uma restrita elite, fosse aos poucos dando lugar a um outro fenômeno: o Turismo.

A partir da consolidação dos melhoramentos urbanos, a então capital federal vai aos poucos despontando como principal destino turístico do Brasil, no início do século XX. Segundo Castro (1999), no “Brasil, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que o turismo organizado começou a funcionar, tendo como principal centro a cidade do Rio de Janeiro” (, p. 80-81). Na década de 1920, outros relevantes empreendimentos vieram à tona, como a inauguração dos hotéis Glória (1922) e Copacabana Palace (1923), o lançamento da pedra fundamental do monumento ao Cristo Redentor (1922), a inauguração do Hipódromo da Gávea (1926) e da companhia aérea New York, Rio and Buenos Aires (1929). O Rio de Janeiro sediou em 1922 a Exposição Internacional do Centenário da Independência. Castro e Freire-Medeiros (2013) afirmam que

O caminho para o desenvolvimento do turístico do Rio de Janeiro foi lento. A década de 1920, contudo, testemunha tentativas ousadas de organização do turismo como um “negócio” moderno da cidade. Surgem os primeiros hotéis turísticos, agências de viagens e órgãos oficiais destinados prioritariamente a atrair e a receber visitantes – com destaque para a criação, em 1923, da Sociedade Brasileira de Turismo (em 1926, renomeada como Touring Club do Brasil) (p. 16).

Neste sentido, pode-se assegurar que a década de 1920 foi um divisor de águas para a consolidação do turismo organizado na capital do país, pois nesta década surgiram as primeiras organizações, empresas e associações voltadas exclusivamente ao desenvolvimento de tal atividade.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE TURISMO E A REVISTA BRASILEIRA DE TURISMO

A Sociedade Brasileira de Turismo (S.B.T.) teve um papel fundamental neste contexto, pois além de ser a primeira organização de abrangência nacional preocupada com o avançar desta prática, também apresentou outras iniciativas importantes em prol do Turismo. Tratava-se de

⁷ *Vilegiatura* - temporadas de descanso e lazer que os urbanitas desfrutavam fora de suas cidades de residência.

uma associação privada composta por empresários dos mais diversos segmentos, políticos, construtores, entre outras personalidades que de alguma forma possuíam interesse no desenvolvimento do Turismo, no Brasil. Vale lembrar que a partir de 1926, a Sociedade Brasileira de Turismo foi renomeada como Touring Club do Brasil, instituição em atividade até os dias de hoje.

Uma relevante iniciativa empreendida pela S.B.T. foi a criação da *Revista Brasileira de Turismo*, que teve o seu primeiro número publicado em julho de 1924. Esta Revista apresentava-se como um veículo de comunicação com dois objetivos claros: ser um divulgador das iniciativas concretizadas pela S.B.T.; ser um meio de divulgação do Turismo brasileiro, dando destaque às atrações, aos lugares passíveis de visitação e aos serviços de suporte ao turista como hotéis, estradas, ferrovias, passeios programados, mapas de localização, dentre outras.

Ao analisar os diferentes números da Revista disponíveis na Biblioteca Nacional⁸, destacam-se algumas narrativas interessantes, como apresentado a seguir.

Considerável destaque a cidade do Rio de Janeiro como principal centro turístico brasileiro - Em todos os números analisados percebeu-se uma ênfase discrepante de anúncios, propagandas, artigos e imagens sobre a capital federal. Apesar de a Sociedade Brasileira de Turismo se intitular como uma organização de abrangência nacional e, de fato, em alguns momentos a Revista destaca cenários, paisagens e artigos de outras localidades como São Paulo, Petrópolis e Porto Alegre, pode-se afirmar que os mesmos aparecem como exceções. Um exemplo que ilustra esta afirmação é que os primeiros números da Revista apresentaram uma seção denominada Guia da Cidade do Rio de Janeiro, dividida em quatro partes, sendo que cada uma destas partes foram publicados em números diferentes da Revista (do número I ao número IV).⁹ Ou seja, a capital federal era apresentada detalhadamente, enquanto as outras regiões recebiam muito menor destaque.

Intensa campanha em prol do desenvolvimento do turismo nacional - Nos diversos números, a Revista apresenta uma defesa incondicional a favor do desenvolvimento turístico brasileiro, inclusive afirmando que o governo estaria cada vez mais apoiando esta nova atividade. Em seu quinto número, publicado em 1927¹⁰, são realizadas várias citações positivas aos “embelezamentos” que foram realizados e projetados pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Prado Júnior (1926-1930). O próprio editorial da Revista já traz destaque a estas ações.

Destaque para algumas iniciativas da Sociedade Brasileira de Turismo e outras organizações que surgiram na década de 1920, com objetivos semelhantes - A revista apresenta uma instituição chamada Sociedade Anônima de Viagens Internacionais (SAVI), que era uma

⁸ Durante a pesquisa foram localizadas e analisadas as seguintes edições da Revista Brasileira de Turismo: números I (julho de 1924); número IV (janeiro / fevereiro de 1925); número V (maio / junho de 1927) e número VI (1929). Só foi possível consultar algumas páginas do número II (setembro de 1924), pois a mesma estava com grande parte das suas folhas coladas, não sendo possível manuseá-lo integralmente. O número III não foi encontrado na Biblioteca Nacional. Todos estes fascículos foram consultados na Seção de Periódicos da Biblioteca Nacional em sua sede na cidade do Rio de Janeiro no dia 21 de janeiro de 2012.

⁹ Apesar de não ter sido encontrado o número III, subentende-se que o mesmo publicou uma parte deste guia, pois se observou uma ordem sucessiva entre os números I, II, e IV.

¹⁰ Este número de maio/junho de 1927 apresenta pela primeira vez o nome do Touring Club do Brasil. Mas ainda aparece o nome Sociedade Brasileira de Turismo em diversos números. A partir desta edição, o nome Sociedade Brasileira de Turismo não mais estará presente e a revista apresenta-se como do Touring Club do Brasil.

empresa brasileira especializada em organizar excursões internacionais. Ela é apresentada como “primeira empresa nacional que se inicia, no seu gênero, no Brasil”. No primeiro número, são apresentados relatos de excursões para Roma, França, Terra Santa, entre outras (Revista Brasileira de Turismo, 1924, pp. 56-57). No número cinco foram encontrados anúncios de excursões que seriam organizadas pela SAVI em parceria com a Sociedade Brasileira de Turismo. Outras instituições lembradas constantemente são o Automóvel Club do Brasil, presidida pelo Sr. Carlos Guinle, e o Sindicato de Iniciativas de Turismo do Município de Petrópolis (S.I.T.M.P.). Os sindicatos de iniciativas de Turismo possuíam estrutura e objetivos muito próximos aos da Sociedade Brasileira de Turismo. A diferença era a abrangência regional de atuação. No caso do S.I.T.M.P. enfocava-se especificamente o município de Petrópolis. Vale lembrar que a Revista apresenta o S.I.T.M.P. como sendo o primeiro fundado no Brasil, antes mesmo da Sociedade Brasileira de Turismo (Revista Brasileira de Turismo, 1924, pp. 18-19).

Campanha em prol do “Rodoviarismo” - A Revista Brasileira de Turismo apresenta-se em vários momentos como propagadora do movimento pelo rodoviarismo. Em diferentes ocasiões aparecem textos sobre a importância das estradas de rodagem, mapas de rodovias e anúncios de automóveis como o “Dodge Brothers” apresentado como “Carro de Turismo” (Revista Brasileira de Turismo, 1925, p. 26). Em 1929 foi publicado um número especial intitulado “O Monumento Rodoviário” em alusão ao monumento construído pelo Touring Club do Brasil na antiga rodovia Rio-São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das narrativas expostas na Revista Brasileira de Turismo, perceberam-se alguns discursos recorrentes como: 1) Considerável destaque a cidade do Rio de Janeiro como principal centro turístico brasileiro; 2) Intensa campanha em prol do desenvolvimento do turismo nacional; 3) Destaque para algumas iniciativas da Sociedade Brasileira de Turismo e outras organizações que surgiram na década de 1920 com objetivos semelhantes; e 4) Campanha em prol ao chamado ‘Rodoviarismo’. Tendo como base as publicações analisadas, pode-se afirmar que o Turismo na cidade do Rio de Janeiro começou a dar seus primeiros passos significativos como atividade organizada a partir da década de 1920, pois os seus principais atores e instituições empreenderam relevantes ações neste sentido. Os discursos apresentados pela Sociedade Brasileira de Turismo em sua Revista ajudam a compreender as transformações ocorridas na época referida.

Acredita-se também que o decréscimo das atividades agrárias e a perda sucessiva de importância política na cidade da elite rural, assim como o desenvolvimento das cidades foram determinantes para que os atores sociais se direcionassem para a redefinição de suas práticas econômicas. Neste momento, o Turismo aparece como uma alternativa, ainda incipiente, mas capaz de proporcionar ganhos financeiros com a especulação de terras, a construção civil, o impulso de novas atividades como a hoteleira e os cassinos, além de uma série de novos produtos/serviços que surgiram com a ‘era do automóvel’ que o Turismo ajudou a impulsionar (venda de veículos, oficinas mecânicas, borracharias, construção de estradas, entre outras). Neste sentido, observou-se que o Turismo organizado no Rio de Janeiro foi sustentado e incentivado, em um primeiro momento, por uma elite econômica que objetivava diversificar e dinamizar seus investimentos.

Espera-se que este breve ensaio sirva como subsídio ou pelo menos como provocação para futuras pesquisas sobre as origens e evolução do turismo, tanto na cidade do Rio de Janeiro como no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M. A. (1987) *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Aguiar, L. B. (2006) Turismo e preservação de sítios históricos: o caso de Ouro Preto. Tese (Doutorado em História). Niterói, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense.
- Andreata, V. (2006) *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad,
- Barbosa, Y. M. (2005) *História das viagens e do turismo*. São Paulo: Aleph.
- Benchimol, J. L. (1990). *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura.
- Boyer, M. (1999). *História do turismo de massa*. Bauru: Edusc.
- Camargo, H. L. (2003). Fundamentos Multidisciplinares do Turismo: História. In: Trigo, L. G. G. *Turismo, como aprender, como ensinar*. São Paulo: Senac.
- Camargo, H. L. (2007). *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph.
- Carvalho, J. M. (2009). *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castro, C. (1999). Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: Velho, G. *Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castro, C. (2002). A natureza turística do Rio de Janeiro. In: Banducci Jr, A.; Barretto, M. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papyrus.
- Castro, C. & Freire-Medeiros, B. (2013). Destino: Cidade Maravilhosa. In: Castro, C.; Guimarães, V. & Magalhães, A. (org.). *História do Turismo no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, pp. 13-36.
- Castro, S. R. P. S. (1989). O Projeto político de Nilo Peçanha. In: Ferreira, M. M. *A República na Velha Província*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora.
- Enders, A. (2008) *A história do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- Fausto, B. (2008). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.
- Ferreira, M. M. (1989). *A República na Velha Província*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora.
- Ferreira, M. M. (1994) Em busca da idade de ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Ferreira, M. M. (2000) Rio de Janeiro: uma cidade na história. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.

Ferreira, M. M.; Pinto, S. C. S. (2006). A crise dos anos vinte e a Revolução de Trinta. In: Ferreira, J. & Delgado, L. A. N.. O Brasil Republicano, livro 1: O tempo do liberalismo excludente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Flores, E. C. (2005) As fundações historiográficas da turismologia. *Saeculum* – Revista de História, ano 11, nº 12, jan./jun., pp. 142-163.

Fratucci, A. C. (2005). A formação e o ordenamento territorial do turismo no Estado do Rio de Janeiro a partir da década de 1970. In: Bartholo, R. Delamaro, M. & Badin, L. *Turismo e sustentabilidade no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond.

Gastal, S. & Castro, M. N. (2008). A Construção do campo do turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul. In: Cândido, L. A. & Zottis, A. M.. *Turismo: Múltiplas abordagens*. Novo Hamburgo: Feevale. pp.30-41.

Guimarães, V. L. (2012a). Estado da arte da produção científica em História do Turismo no Brasil. In: *Anais... V Congresso Latino-Americano de Investigação Turística*. São Paulo.

Guimarães, V. L. (2012b) *O turismo levado a sério: Discursos e relações de poder no Brasil e na Argentina (1933-1946)*. Tese (Doutorado em História Comparada). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Harvey, D. (1989). *The condition of post-modernity*. Oxford: Basil Blackwell.

Hobsbawm, E. (2000). *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Lessa, C. (2005). *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de autoestima*. Rio de Janeiro: Record.

Machado, M. B. T. (2005). A formação do espaço turístico do Rio de Janeiro. In: Bartholo, R. Delamaro, M. & Badin, L. *Turismo e sustentabilidade no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond.

Machado, M. B. T. (2008) A Modernidade no Rio de Janeiro: construção de um cenário para o turismo. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação.

Moesch, M. (2000). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.

Motta, M. S. (1992). *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora da FGV.

Motta, M. S. (2001a). *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.

Motta, M. S. (2001b). *Rio de Janeiro: de cidade-capital a estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Motta, M. S. (2004) *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Motta, M. S.; Santos, A. M. S. P. S. (2003). O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). *Revista Rio de Janeiro*. n. 10, pp. 11-33.

Perrotta, I. V. (2011) *Desenhando um paraíso tropical*. A construção do Rio de Janeiro como um destino turístico. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

Pires, M. J. (2001). *Raízes do turismo no Brasil: Hóspedes, hospedeiros e viajantes do século XIX*. São Paulo: Manole.

Rejowski, M. (2002). *Turismo no percurso do tempo*. São Paulo: Aleph.

Sociedade Brasileira De Turismo. (1924). *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 1, jul.

Sociedade Brasileira De Turismo. (1924). *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 2, set.

Sociedade Brasileira De Turismo. (1925). *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 4, jan/fev.

Sociedade Brasileira de Turismo / Touring Club Do Brasil. (1927) *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 5, mai/jun.

Touring Club Do Brasil. *Revista Brasileira de Turismo*. (1929) Número especial: o monumento rodoviário. Rio de Janeiro.

Urry, J. (2001). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel / SESC.

Venegas, H. (2011). *Patrimônio Cultural e Turismo no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty*. Tese (Doutorado em História). Niterói, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense.

Recebido: 20.04.2014

Alterações pelo autor: junho de 2014

Aprovado: 04.07.2014